

Os Protagonistas *

David Sedley
Cambridge University.

Tradução de Rodrigo Pinto de Brito **

I

O objetivo primário dessa introdução histórica¹ é capacitar o leitor que pela primeira vez encontra a filosofia Helenista a se familiarizar com os principais filósofos do período. Mas, ao mesmo tempo, tento mostrar quais influências formaram sua proximidade com a filosofia em geral, e, mais particularmente, com a epistemologia.

A era helenística oficialmente transcorre da morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C. até a de Cleópatra em 30 a.C. Antes que se passasse um ano da morte de Aristóteles. Conseqüentemente o Epicurismo, o Estoicismo e o Ceticismo, as filosofias características da época, têm sido frequentemente chamadas de ‘pós-Aristotélicas’, um rótulo que, se cronologicamente impecável, tem tido um efeito curiosamente estorvador em sua reputação. Ele nutriu a impressão de que Aristóteles marca o zênite da filosofia grega, e que, depois dele, não há nada que tenha sido feito além da decadência. De modo que em 1935 F. M. Cornford poderia escrever:²

Após Aristóteles nós temos as cartas de Epicuro, e, portanto, não há um único escrito de um pensador original do primeiro escalão, até chegarmos a Plotino. Há uma grande quantidade de fragmentos, mas de valor muito inferior; por que os oito séculos consecutivos produziram muitos poucos homens que mereçam ser elevados àquela constelação dos homens de gênio, os pré-socráticos. Se os escavadores de Herculano

* Nota dos editores: A versão original deste texto, sob o título *The protagonists*, foi publicada como primeiro capítulo de SCHOFIELD, M. et al. (ed.), *Doubt and Dogmatism: Studies in Hellenistic Epistemology* (Oxford, 1980), pp.1-19. Sua tradução foi devidamente autorizada pelo autor.

** Nota do tradutor: O tradutor gostaria de agradecer primeiramente ao professor D. Sedley por ter muito gentilmente cedido os direitos para tradução, e também aos professores Barbara Botter e Danilo Marcondes pelo apoio incondicional.

¹ Citar capítulo e verso para todas as declarações feitas aqui requereria anotações em uma escala volumosa. Dada a natureza principalmente introdutória destas páginas, eu tenho que restringir as anotações principalmente ao que eu espero ser as reivindicações mais controversas ou pouco conhecidas.

² F. M. Cornford, ‘*The Unwritten Philosophy*’, em *The Unwritten Philosophy and Other Essays* (1950).



pudessem trazer a luz os 750 livros de Crísipo – que os céus esqueceram – qualquer estudante alegremente os trocava por um único pergaminho de Heráclito.

A verdade é que os principais filósofos do Helenismo não viveram sob a sombra nem de Aristóteles, nem de qualquer outro. Certamente Sócrates, Platão e Aristóteles, juntos com toda uma gama de outros pensadores, eram oriundos do pano de fundo intelectual do qual a nova geração emergiu, e, não frequentemente, seu trabalho era, consciente ou inconscientemente, tomado em conta como tal. Mas no vital primeiro meio século de filosofia Helenista, foram seus debates constantes, questões e teorias que lançaram as idéias fundamentais. O resultado foi um dos mais excitantes e prolíficos períodos do pensamento antigo, quando alguns dos problemas fundamentais da filosofia foram postos em jogo pela primeira vez.

Na era Helenística, como em todo o século precedente, Atenas serviu como o grande caldeirão fervente da filosofia grega. Seus lugares públicos eram freqüentados por professores em busca de audiência e de jovens (e, de vez em quando, mulheres) atrás de entendimento. Os lugares mais populares eram os *gymnasia* públicos fora dos muros da cidade, incluindo a Academia e o Liceu, e a área em torno da *ágora* central. Uma escola filosófica não precisava de premissas privadas, e no princípio deveria se estabelecer em qualquer terreno onde ajuntamentos poderiam facilmente tomar lugar.³ Com a oferta pública das mercadorias de quase todos os movimentos filosóficos principais da época em torno de um raio de duas milhas da Atenas central, a cidade era uma grande arena pública onde as idéias poderiam ser lançadas, trazidas à oposição, destrinchadas e reorganizadas. O fervor intelectual gerado no princípio da era helenística pode ser imaginado através do envolvimento do público ateniense. Quando um filósofo, Estilpo, visitou Atenas, os homens corriam dos seus trabalhos para dar uma olhadela nele. Sobre o funeral de Teofrasto foi dito que toda a população estava presente. Honras públicas foram derramadas sobre Zenão o Estóico. Arcesilao foi criticado por ser muito afeiçoado pela multidão; e, quando Epicuro expressamente repudiou a idéia de que os filósofos deveriam flertar com a multidão, ele indubitavelmente tinha o público ateniense em mente.

Que fatores propiciaram o florescimento de novas escolas filosóficas no começo do período helenístico? O império de Alexandre, o Grande, trouxe consigo numerosos povos da Grécia ao leste do Mediterrâneo e além, e o “cosmopolitanismo” se tornou uma característica

³ Sobre a natureza e o status das escolas filosóficas, ver em Lynch, J.P. *Aristotle's School*, Berkley, 1972, um antídoto tenaz para a excessiva figura legalista que tem sido moda durante tanto tempo.

distinta no período Helenista. A cultura grega encontrou segurança diante de quase toda grande civilização da região do Mediterrâneo. Apesar da emergência de novos centros de conhecimento, notadamente Alexandria, Atenas era capaz de competir como uma Meca cultural. Mas não em todas as frentes. A escola de Platão não nutriu meramente a discussão filosófica, mas também pesquisas matemáticas de suma importância; e a de Aristóteles se tornava um centro de pesquisas de uma vasta gama de assuntos, literários e científicos, bem como filosóficos. Mas em torno do fim do quarto século, o firme crescimento de várias disciplinas fez o aumento da especialização inevitável. Uma grande parte dos novos brilhantes avanços dos estudos científicos e literários que se seguiram tomou lugar em Alexandria, cujos líderes, os Ptolomeus, ofereciam patrocínio numa escala que era difícil recusar. A filosofia, contudo, não era facilmente divorciada da sua residência ancestral. Para os filósofos helenistas, assim como para Platão, a filosofia era a atividade dialética suprema cujo fluído vital era o debate e o enfrentamento. Mesmo se outra cidade tivesse a mente aberta o suficiente para tolerar a invasão dos seus espaços públicos por estes ferozes gurus, ainda assim a atmosfera especial e as afiadas audiências de Atenas não poderiam facilmente ser criadas em qualquer outro lugar. Quando os filósofos do helenismo viajavam, era menos para encontrar escolas e espalhar suas mensagens do que para servir como filósofos na corte das grandes dinastias que comandavam o mundo Mediterrâneo. Atenas permaneceu sem rivais como um terreno especializado no treinamento de filósofos.

As ciências matemáticas e empíricas, incluindo a astronomia, eram agora deixadas aos especialistas, enquanto a física filosófica era uma disciplina largamente especulativa. Similarmente, os estudos literários se tornaram tema para os especialistas 'gramáticos', enquanto os filósofos se voltavam mais para estudos de teorias lingüísticas. Agora que seus líderes proponentes conscientemente relaxavam, ou, em alguns casos, renunciavam a seus envolvimento com outros campos do saber, a filosofia em si mesma se tornava um campo específico, olhando para si como antes nunca havia feito. Os sistemas que sobreviveram e floresceram foram aqueles que podiam oferecer uma particular meta ética, da qual todas as outras áreas possíveis de investigação deveriam ser engrenagens -- uma meta que buscava encapsular a correta posição do homem em relação ao mundo.

Sempre foi tentador ver este último desenvolvimento como uma deliberada resposta a um grito de socorro -- uma tentativa de restaurar o propósito moral da vida numa época quando a regra dinástica abafava o tipo antigo e participativo das cidades-Estado, e que estava privando o cidadão grego do seu papel nas políticas da sua própria cidade. Esta tese ainda não foi substancial. Qualquer defesa dela provavelmente requereria um conhecimento mais completo do que o que



possuímos dos panos de fundo sociais e políticos, nos quais os vários partidários das escolas helenistas emergiram; e deve-se reconhecer que muitos deles vinham de cidades cujas raízes e história recente situam-se fora do alcance da civilização grega. Algumas, em determinada medida, das novas ênfases da filosofia devem ser atribuídas ao fato de que esta estava agora, pela primeira vez, isolada como uma disciplina totalmente autônoma, e alguém que tenha que justificá-la em si mesma, comumente competirá com outros campos do saber. Assim, para o florescimento das novas escolas, um fator contribuinte deve ter sido provido e demandado, no que tange à expansão da cultura grega, pelas hordas de novos estudantes de filosofia trazidas para Atenas, sendo criada uma audiência já pronta para qualquer tipo de filósofo destacado o bastante para se propagar por si próprio.

II

Pode ser útil seguirmos, por enquanto, pela história, através dos olhos de um jovem cipriota chamado Zenão, que tipifica o espírito em que os estudos filosóficos se desenvolveram, e que se tornou na época o fundador do Estoicismo, a filosofia dominante da época. Ele nasceu de uma linhagem pelo menos parcialmente fenícia em 334 a.C. na Cítia, em Chipre, uma cidade de cultura mista, fenícia e grega. Quando ela se tornou parte do Império de Alexandre, o que ocorreu por volta do primeiro ano de Zenão, a inclinação da população pela cultura grega sem dúvida cresceu, e durante a infância de Zenão diz-se que frequentemente seu pai, um mercador, trazia livros sobre Sócrates de suas viagens a Atenas. A paixão pela filosofia que estes livros despertaram fez com que Zenão, em 312 a.C., com a idade de 22 anos, abandonasse os negócios da família e tomasse residência em Atenas, em busca de uma educação filosófica.⁴ Lá, graças aos recursos privados que trouxe consigo, foi capaz de se sentar aos pés dos herdeiros de Sócrates por muitos anos, antes que finalmente formasse sua própria escola.

A clara omissão do seu currículo de estudos neste período foi quanto à sua freqüência no Peripatos. A escola de Aristóteles, sob liderança do seu sucessor Teofrasto, estava apreendendo sua celebrada tradição do conhecimento enciclopédico (polimatia), procurando, em adição à filosofia, toda uma gama de ciências empíricas e disciplinas correlatas. O que manteve Zenão

⁴ A anedota do seu naufrágio em Atenas e repentino e inesperado encontro com a filosofia (DL VII 2), soa como uma ficção da indústria helenista de histórias-conversoras. Para apontamentos menos fantasiosos sobre sua chegada ver DL VII 4-5.

fora? Talvez a excessiva popularidade do Peripatos -- como nos foi conhecido, mais de 2000 estudantes se aglomeravam para as leituras públicas que Teofrasto fazia nas manhãs. Talvez também sua polimatia -- um dos livros que Zenão escreveu nestes dias prematuros abria-se com uma denúncia da ‘encíclica’, ou generalizando, da educação. O interesse de Zenão estava firmemente focado em filosofia moral e política, e o tipo de pacote misto oferecido por Teofrasto não era capaz de atraí-lo.

Aqui deve ser mencionado, entre parênteses, que o Peripatos, apesar de toda sua popularidade na época, não tem um papel de destaque na filosofia helenista. Sua polimatia aristotélica não condizia com o espírito da época, e, dependente como era da coesão de um time de pesquisadores, também foi dissipado facilmente pela partida de sócios individuais que foram fundar suas próprias escolas ou captar patrocínio dos monarcas helenistas. A escola foi mais adiante enfraquecida pela perda da biblioteca de Aristóteles; com a morte de Teofrasto, membros futuros crescentemente restringiam a gama de seus estudos. Contudo, os escritos filosóficos de Aristóteles e Teofrasto estavam certamente disponíveis para qualquer filósofo helenista suficientemente interessado em procurá-los,⁵ e a influência deles não deve ser diminuída. O que é manifesto, sobretudo, na física e cosmologia helenista, e menos em ética, embora surpreendentemente menos em lógica.

Opostamente, o primeiro professor de Zenão foi o Cínico Crates. O Cinismo não era um sistema filosófico completo, mas uma abordagem prática para a vida, tornado moda durante a metade do século quarto por Diógenes de Sinope. Mantendo que a virtude dos homens sábios é inteiramente auto-suficiente, os Cínicos rejeitavam como supérfluas todas as molduras e convenções da sociedade cortês e procuravam um estilo de vida boêmio. A influência da sua doutrina da auto-suficiência é penetrante nas éticas helenistas, e em nenhum lugar maior do que entre os Estóicos. O primeiro livro do jovem Zenão propunha uma reforma social radical fortemente entre linhas Cínicas. Mas ele nunca advogou separadamente o estilo de vida Cínico para os indivíduos na sociedade existente.

Depois de certo tempo, Zenão rompeu sua ligação com Crates, sem dúvida em busca de uma base intelectual mais forte para sua filosofia. Isto o levou a estudar com Estilpo, o cabeça da escola Megárica, que vivia em Megara, mas parecia ser um visitante regular da próxima Atenas. Estilpo tinha muito de Cínico em si, mas era, ao mesmo tempo, um professor de tremenda reputação, e tinha alguma coisa de debatedor sofisticado. Além da ética, ele tinha um interesse por metafísica. Ele negava a existência dos universais, e, talvez como consequência, construiu

⁵Cf. Lynch, J.P. ‘*Aristotle’s School*’, Berkley, 1972, 146-9.

objeções paradoxais à possibilidade de predicação. Zenão terá tido, então, pouco gosto pelos paradoxos, mas aceitou como válido a rejeição dos universais -- como passo que teria, como veremos, profundas conseqüências para a epistemologia helenista.

Mudando mais tarde a direção da respeitabilidade intelectual, Zenão mudou-se para a Academia, agora liderada por Polemo, o terceiro sucessor de Platão. Nas quatro décadas desde a morte de Platão, em 347, sua instituição perdeu muito do seu impulso original. Os sucessores imediatos de Platão tinham partido procurando alguns dos tópicos de metafísica, ética, e teologia nos quais Platão estava envolvido no fim de sua vida. Em suas mãos, a livre especulação e pesquisa que Platão tinha nutrido deram lugar ao dogma na tentativa de construir um sistema platônico que gradualmente fossilizava seu pensamento. O próprio Polemo nos é conhecido quase que exclusivamente como um professor de ética; e é sobretudo em ética que a Academia deixou sua marca na doutrina Estóica.

Sob a égide de tantos moralistas, Zenão deve ter se sentido inadequadamente fundamentado na técnica da argumentação; daí, escolheu também estudar com um dos mestres da dialética da época, Diodoro Cronus (morto em *c.* 284).⁶ Diodoro era o mais proeminente membro da escola Dialética, um círculo de especialização em lógica e modos de argumentação. Ele popularizou uma coleção de quebra-cabeças que se tornariam centrais na dialética helenista e, ao mesmo tempo, ele e seus pupilos desenvolveram a lógica proposicional com tanto sucesso que ela se tornou, na mão dos Estóicos, unânime como a lógica da era helenista, rapidamente eclipsando a lógica de termos do Peripatos. Uma das principais figuras neste processo foi Philo, um mestre em lógica que assistia as leituras de Diodoro em companhia de Zenão. Philo e Zenão em si nunca usaram o debate dialético para sua própria causa, mas enfatizam a necessidade de estar armado contra a sofística dos outros, e ele provavelmente fez uma importante contribuição, da sua própria maneira, à teoria Estóica da prova.⁷

Não há necessidade de considerar a metamorfose de Zenão de estudante a professor como um evento distinto e datado. O que é nítido é que ele tinha o hábito de conversar com os outros na mais famosa colunata de Atenas, a Stoa Pintada, perto da ágora. Com o tempo, um núcleo de filósofos de mentes afins se formou em torno dele. Eles vieram a ser conhecidos como

⁶ As reivindicações feitas aqui a respeito de Diodoro são argumentadas com mais completude em Sedley, D. 'Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy' em *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 203, 1977.

⁷ Para as visões de Zenão da lógica, ver *SVF* I 47-52. Para uma possível contribuição sua sobre a teoria da prova, cf. seu livro intitulado *On signs* (DL VII 4), e Brunschwig, J. 'Proof Defined' em *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology*, 1980.

os ‘Zenonianos’, e, mais tarde, como ‘os homens da Stoa’, ou ‘Stoicos’. Seu trabalho e desafio filosófico eram largamente éticos, e tinham como atrativo a preservação do princípio Cínico da virtude como auto-suficiência, e da busca solitária da felicidade; ao mesmo tempo, não obstante, achando um papel integrante para as tais coisas ‘indiferentes’ como prosperidade, honra pública, e saúde, que eram tomadas como a matéria crua das ações corretas (*kathekonata*), somente fora das quais uma disposição virtuosa poderia se desenvolver. A tarefa dos homens era dispor do melhor das suas habilidades diante dos papéis assinalados naturalmente para eles num mundo planejado por uma deidade providente e imanente.

O sucessor de Zenão foi Cleantes, que, formalmente um pugilista, tinha assistido às aulas de Zenão durante o dia e ganhava a vida trabalhando à noite. Talvez ele não merecesse completamente a reputação de ter o raciocínio lento, mas era, pelo menos, de um temperamento religioso tão forte a ponto de propor que Aristarco de Samos estava tomado pela falta de fé por causa da sua hipótese de que o Sol ficava parado enquanto a Terra girava em torno dele. Mesmo assim, fez muito para elevar o trabalho de Zenão em muitos aspectos, particularmente na cosmologia, e nenhuma história da Stoa poderia deixar de mencioná-lo. Seria, contudo, o terceiro líder da escola, Crisipo, no fim do terceiro século a.C., quem desenvolveria o Estoicismo em um sistema verdadeiramente maior, revisando, ampliando, e estendendo em direção a novas áreas o trabalho de seus predecessores, num grau tão grande que sua filosofia se tornou virtualmente sinônimo de ‘baixo Estoicismo’. Não há espaço aqui para fornecer um sumário de todo o sistema Estóico, mas, para os leitores deste volume, será de particular relevância saber que foi Crisipo quem elaborou habilmente a maioria das realizações Estóicas em lógica.

III

Agora é o momento de voltarmos ao início da era helenista, e delinear o progresso de um jovem inovador, Epicuro.⁸ Enquanto o pano de fundo de Zenão reside na variedade de filosofias disponíveis em Atenas, muitas delas clamando uma ancestralidade Socrática, o de Epicuro residia principalmente na filosofia natural Jônica. Ele nasceu em 341 a.C. na ilha de Samos, na costa da moderna Turquia. Seu pai era um colono ateniense, e o jovem Epicuro sem dúvida sentia certa afinidade pela cultura ateniense; quando, em sua adolescência remota, se interessou pela filosofia, foi a escola de um platonista local, Pamphilo, que procurou em busca de esclarecimento. Ele não

⁸ Muitas das referências feitas aqui são substancializadas em Sedley, D. ‘*Epicurus and his Professional Rivals*’ em *Cahiers de philologie* I, 1976.

ficou surpreso pelo que ouviu lá, tanto que, quando, com a idade de dezoito anos, teve que cumprir o serviço militar em Atenas, declinou da possibilidade de assistir às leituras da Academia. No momento, era a filosofia atomista de Demócrito (nascido em c. 460) que ganhava sua atenção, e, tendo voltado para casa, ele entrou para a escola democrítica de Nausiphanes na próxima Teos. (O democritismo nunca se estabeleceu em Atenas, e permaneceu mais proximamente ligado à cidade natal de Demócrito, Abdera, uma colônia de Teos.) Lá também ele tratava com desprezo a educação oferecida, inclusive como fez com assuntos estranhos como a retórica. Mas enquanto lá esteve, pelo menos pôde estender seu conhecimento dos filósofos físicos pré-socráticos, que permaneciam como sua principal fonte de inspiração; e também depois veio a ser influenciado por Pirro de Élide, mais tarde visto como o fundador do ceticismo. Pirro (c. 365-c. 270) também fez parte, livremente, da tradição democrítica, mas menosprezou-a, ensinando sua própria causa, muito através do exemplo pessoal, um tipo de separação filosófica das paixões mundanas. Este tipo de estilo de vida ganhou a admiração do jovem Epicuro, e Nausiphanes, que conheceu Pirro pessoalmente, viu-se constantemente bombardeado por perguntas sobre ele. Pode bem ser que seja Pirro quem nós deveríamos localizar por traz da mitigada doutrina, própria de Epicuro, da separação do filósofo das coisas mundanas como um todo, e sua desaprovação do aprendizado em causa própria. Devemos também ter em mente que no seu estágio formativo, Epicuro deve ter se familiarizado com o ceticismo radical que, dado o respeito dele por seu autor, não pôde tomar mais seriamente. Voltaremos a este ponto mais tarde.

Em 311, Epicuro, intitulado-se um democrítico, lançou sua própria escola em Mitilene; e, rapidamente, a transferiu para Lampsaco, perto de Tróia. Anaxágoras, o grande filósofo naturalista do século quinto, era um herói local em Lampsaco, e a cidade parece ter retido a anexação de um tão forte materialismo associado com seu nome (Strato, o mais materialista dos Peripatéticos, que mais tarde sucedeu Teofrasto, estava crescendo lá em torno dessa época). Consistentemente com isto, foi enquanto trabalhava lá que Epicuro militantemente desenvolveu os detalhes da sua própria cosmologia atomista materialista.⁹ Mas ele também ensinou pelo menos os rudimentos da sua espécie hedonista de ascetismo radical, e formou um íntimo círculo de amigos entre os quais seus princípios poderiam ser obedecidos. Esta doutrina estava envolvida numa expressa distinção contra o hedonismo dos Cirenáicos, uma escola contemporânea menor. Os Cirenáicos também ensinavam seu tipo próprio de epistemologia cética -- um fato que se

⁹Ver adiante, Sedley, D. 'Epicurus and the Mathematicians of Cyzicus' em *Cronache ercolanesi* 6, 1976, especialmente 53-4 e n. 73.

provará relevante quando tornarmos a considerar as fontes da teoria do conhecimento de Epicuro.

Em 307 a.C. Epicuro e um contingente de seus seguidores migraram para Atenas. Lá, graças aos seus direitos como cidadão ateniense à sua própria propriedade, ele comprou uma casa na parte oeste da cidade, e um jardim fora dos muros da cidade na estrada que levava à Academia.¹⁰ ‘O Jardim’ se tornaria o nome dessa escola. Embora tenha ganhado reputação de segregadora e exclusivista, há poucas dúvidas de que um dos motivos que levou seu estabelecimento em Atenas foi colocá-la em contato e rivalidade com outras grandes escolas da época. Por exemplo, a sobrevivência de um livro que Epicuro escreveu dez anos depois, mostra-o repensando suas idéias sobre a linguagem e a verdade em reação às idéias de Diodoro Cronus, e dá a entender que tenham se encontrado em debate, não através de leitura.¹¹ Ele também escreveu contra outras figuras da cena ateniense -- Teofrasto sobre física, Estilpo sobre o papel da amizade.

A filosofia de Epicuro é, de muitas formas, simetricamente oposta à de Zenão. O homem é visto como um produto de um mundo que é, por sua vez, o produto mecânico de átomos movendo-se num vazio infinito; ele, não obstante, tem livre vontade, e sua moralidade deve ser inventada pela referência a uma meta que nós naturalmente perseguimos, o prazer. Sua filosofia mais tarde se aterá principalmente à libertação da inquietação, e termina com o que deve ser engrenagem de toda pesquisa filosófica. Após sua morte a escola de Epicuro sobreviveu e propagou seus ensinamentos por muitos séculos sem mudanças significativas nas suas doutrinas, ganhando sua melhor e mais duradoura publicidade no poema latino de Lucrecio, *De rerum natura*, do primeiro século a.C.

IV

Nós devemos agora voltar ao começo pela terceira vez e ver como o ceticismo fez sua aparição na cena helenista. Dúvidas sobre as habilidades do homem em obter conhecimento têm uma ancestralidade que era convencionalmente traçada até pelo menos Xenófanes no sexto século, e objeções ao conhecimento sensorial foram formuladas por Parmênides na primeira parte do quinto século e, logo depois, por seus seguidores Zenão de Eléia e Melisso, e, com reservas, pelo atomista Demócrito. Todos eles, e outros, vieram a ser vistos como precursores do ceticismo

¹⁰ Ver Clarke, M. ‘*The Garden of Epicurus*’ em *Phoenix* 27, 1973.

¹¹ Sedley, D. ‘*Epicurus, On Nature, Book XXVIII*’ em *Cronache ercolanesi* 3, 1973, especialmente 13-17, 48-9, 52-3, 62-4, 71-2.

sistemático, mas são particularmente os discípulos de Demócrito que mantiveram o ceticismo vivo no quarto século. Destes, o mais conhecido é Metrodoro de Chios, que abriu seu trabalho *Da natureza* com as palavras ‘nenhum de nós conhece nada -- nem mesmo sabemos qualquer coisa ou não’, mas daí prosseguirá oferecendo uma série elaborada de especulações cosmológicas. Sem dúvida, ao dirigir a profissão da sua ignorância contra si mesmo ele estava, não ao contrário dos cétricos posteriores, concedendo que a investigação fosse ainda valorosa. A mesma linha de pensamento continua tão longe quanto pode ser julgada, apesar da escassa evidência, através do seu pupilo Diógenes de Smirna e do próprio discípulo de Diógenes, Anaxarco de Abdera. Mas o pupilo de Anaxarco, Pirro de Élide, parece ter assegurado pura e simplesmente que nada pode ser conhecido, sem a sutileza de deixar que essas teses qualifiquem-se a si mesmas, e, consistentemente, que toda especulação sobre o mundo seja rejeitada como uma desperdiçadora fonte de inquietações.

Curiosamente, apesar desta aproximação cega ter menos em comum com o ceticismo helenista do que a dúvida em aberto de Metrodoro, seria Pirro, não Metrodoro, quem se tornaria a figura emblemática do movimento cético posterior. Aqui, não importará a verdade sobre Pirro, mas sim a lenda, que foi permanentemente endossada, para o bem ou para o mal, por seu discípulo e principal divulgador, Tímon de Phlios. Os versos satíricos de Tímon retrataram Pirro como o modelo cético de vida, livre da falsidade e vaidade dos menores e opinantes filósofos; e deve-se muito a este exemplo moral o sentimento que propiciou a inauguração de uma nova fase do ceticismo.

A escola Pirrônica oficial não estava estabelecida até o primeiro século a.C. Mas é significativo que se acreditava que Arcesilao, a figura chave no ceticismo helenista anterior, em sua época, tivesse capturado sua inspiração de Pirro. Nascido em torno 315 a.C. em Pitane, na Ásia Menor, Arcesilao estudou matemática antes de tomar seus estudos filosóficos em Atenas durante a década de 290. Seu primeiro professor foi Teofrasto, mas ele rapidamente transferiu sua lealdade à Academia, e quando, na década de 270, tornou-se líder dela, tomou a surpreendente decisão de tornar o ceticismo sua política oficial. Tendo ou não Arcesilao conhecido Pirro, é certo que Tímon, que ensinava em Atenas, tenha feito o ceticismo de Pirro ser conhecido por Arcesilao. É fato que o próprio Tímon, mais tarde, satirizaria Arcesilao como se apoiando em Pirro e Diodoro, enquanto outro contemporâneo seu, Ariston de Chios, comparava ele com uma quimera, ‘Platão na frente, Pirro atrás, Diodoro no meio’. Esta imagem nitidamente encapsula a eventual posição filosófica de Arcesilao. Se Pirro está por trás de sua filosofia, isto se deve ao fato

de que inspirou em Arcesilao a noção de que a suspensão do juízo é, de fato, mais desejável do que levar-se a si mesmo a uma instância dogmática, e não apenas a um expediente árido da causa da honestidade intelectual, como seus mais antigos defensores tendiam a supor. Se Diodoro se coloca no seio da doutrina de Arcesilao, é porque este adotou as melhores técnicas dialéticas disponíveis na sua época, aquelas vendidas a varejo por Diodoro e seus associados. Neste sentido, há poucas dúvidas de que as técnicas dialéticas, incluindo todos os argumentos minuciosos, ou Sorites, tenham se tornado grandes armas do arsenal acadêmico.¹² Se, finalmente, Platão situava-se à frente na filosofia de Arcesilao, era porque Arcesilao não se professava um inovador, mas um revisor da dialética livre de dogmas que caracterizava a Academia sob Platão. Seu manifesto merece alguma atenção. A Academia pós-platônica foi realmente, como vimos, debilitada por si mesma por ter dado mais atenção às doutrinas de Platão do que a seus métodos. Arcesilao dificilmente poderia ser culpado por perseguir o verdadeiro espírito do platonismo neste ou naquele dogma ético ou metafísico, mas nos primeiros diálogos aporéticos, e, entre os diálogos posteriores, naqueles como o *Teeteto* ou *Parmênides* que podem ser lidos como tentando resgatar uma dialética da mente mais aberta dos primeiros períodos, ou trazendo de volta para o debate instâncias teóricas que ganhavam uma aceitação muito fácil na escola. Todo o objetivo de Arcesilao era manter o debate vivo. Seu método era levar seus pupilos a assentir teses, daí argumentar contra esta tese, fazendo com que seu pupilo a defendesse da melhor maneira possível -- o resultado ideal era inconclusivo da mesma maneira que nos primeiros diálogos platônicos. Assim, desde o começo, sua dialética dependia de uma provisão regular de teses dogmáticas, e não é de todo surpreendente saber que ele encorajava seus discípulos a ouvir leituras nas outras escolas. Assim começava a longa tradição acadêmica de combater os Stoa, a mais fértil e prestigiosa fonte de dogmas filosóficos da época em Atenas.

Seguiu-se um século excitante de uma interação parcial entre as duas escolas, em que o papel da Academia era parasitário no sentido de que tinha que trabalhar afinada com o método dialético, exclusivamente com as premissas e conceitos dos seus oponentes, mas também era produtiva, no sentido de manter os Estóicos de pés no chão e estimular a constante revisão e defesa das teorias deles. A proximidade desta interação foi intensificada por dois fatos: Crisipo foi originalmente treinado por Arcesilao e seu sucessor Lácides antes de transferir sua aliança para a Stoa; e Carnéades, uma mente brilhante da Academia no segundo século a.C., estudou dialética com um discípulo de Crisipo, Diógenes da Babilônia, antes de entrar na fase cética. O método

¹² Sedley, D. 'Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy' em *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 203, 1977.

cético de Carnéades é mais bem elucidado mais adiante neste volume, e pode-se passar ao largo dele aqui. Apesar de diferir em alguns sentidos daquele de Arcesilao, não há justificativas para a tradição antiga de dizer que Carnéades inaugurou uma nova fase -- a ‘Nova Academia’, em contraste com a ‘Média Academia’ de Arcesilao.

V

Tendo agora muito do quebra-cabeça histórico montado, isto nos capacita a parar e dar uma olhada nele. Não há espaço, numa breve introdução, para nenhuma discussão geral das doutrinas das escolas, mas o assunto deste volume dita a resposta a uma questão doutrinal: como a epistemologia helenista, com sua tensão no problema da justificação, tem um caráter fundamentado sobre o que é passível de ser conhecido, algo há tanto tempo olvidado pelo pensamento mais anterior?¹³

Aqui devo isolar dois fatores. Primeiro, desde Parmênides, a questão sobre o conhecimento tem sido dominada por considerações metafísicas. A exigência de que os objetos do conhecimento sejam, de alguma forma, imutáveis, tem sido sustentada, sem muita variação, como característica do pensamento de Platão e Aristóteles, e tem ajudado a impedir o desenvolvimento de quaisquer teorias do conhecimento totalmente empiristas. Os filósofos helenistas estavam livres desta preocupação. No materialismo metafísico simples de Epicuro toda a existência é reduzida a átomos, vazio, e as propriedades individuais pertencem a este ou àquele composto. Na maioria dos trabalhos epistêmicos sobre as Formas platônicas, estas são descartadas, sem complicações metafísicas, pela *prolepsis*, a concepção genérica de uma coisa com a representação composta pelas sensações individuais causadas por ela. Esta contribuição de Epicuro ao vocabulário empirista se tornou e permanece central na epistemologia helenista. Para os Estóicos, somente os particulares (‘coisas’) podem ser significativamente nomeados, e quase todos estes são corpóreos, os substantivos alegados abstratos podem ser normalmente interpretados como ‘este ou aquele corpo numa dada condição’. Zenão apreendeu de Estípo argumentos que usou para banir os universais inteiramente deste esquema como sendo meras ‘quase-coisas’. Os termos usados para nomeá-los são, para os Estóicos, uma conveniência lingüística e nada mais. Como um corolário para este nominalismo, eles tentaram derivar todas as

¹³ Sobre esta diferença ver especialmente M. F. Burnyeat, ‘*Aristotle on Understanding Knowledge*’, em E. Berti, ed., *Aristotle on Science: the ‘Posterior Analytics’* (Atti dell’ VIII Symposium Aristotelicum (Pádua e Nova Iorque, publicado futuramente).

coisas no conhecimento, até mesmo a aquisição da razão em si, da observação empírica dos particulares. A última garantia, ou ‘criterion’, da verdade não reside em nenhum princípio geral intuído, mas nas cognições sensoriais individuais. E o mesmo empirismo, aproximadamente, naturalmente veio a ser compartilhado pelos céticos -- não como uma doutrina propriamente deles, mas por que as regras do jogo os obrigavam a trabalhar com premissas aceitas por seus oponentes.

Conseqüentemente, em todos os debates da filosofia helenista, uma metodologia empirista é lugar comum. Ela tem que ser defendida, não contra uma construção de pensamento platônica ou aristotélica, mas contra o ceticismo. E é o ceticismo que deve ser visto como um segundo fator na determinação da abordagem helenista das questões.

Aqui devemos novamente começar considerando a posição de Epicuro. Demócrito algumas vezes expressou pessimismo quanto às chances de se alcançar a certeza, e estava inclinado a considerar os primeiros princípios do atomismo como os únicos objetos válidos para o conhecimento, explicitamente negando este status às propriedades sensíveis das coisas. Mas ele tinha também de proceder de modo a dispor a dúvida dentro do seu próprio pessimismo através da imaginação das sensações, diz ele: ‘Pobre mente, você obtém suas evidências de nós, daí você nos subverte. Nossa subversão é a sua queda.’ Seus seguidores do quarto século tinham, como vimos, desenvolvido o lado cético do seu pensamento. Epicuro, em consciencioso reavivamento deste horizonte empírico, estava religando-se a esta tendência,¹⁴ claramente ansioso para fundamentar sua própria posição dentro da tradição democrática.

Conseqüentemente, a persistência de Epicuro concernente à justificativa de, diariamente, clamar à cognição sensorial pode ser atribuída ao materialismo metafísico, que faz com que os ditos particulares, os objetos primários do conhecimento, se combinem com a inoportuna presença, própria da sua tradição filosófica, de argumentos que negam qualquer rota de acesso ao conhecimento. Estes argumentos, que apelam largamente à ilusão ótica e à evidência da subjetividade da percepção, também foram erguidos pelos Cirenáticos para estabelecer seu próprio tipo de pessimismo cognitivo – segundo o qual, o conhecimento reivindicado deve ser restrito aos nossos dados sensoriais, tendo em vista que a relação dos dados sensoriais e dos objetos externos está além do nosso alcance. Já vimos que a versão de Epicuro do hedonismo foi formada pela sua oposição ao Cirenaísmo, e não parece haver razões para duvidar que sua obscura epistemologia redobrou a reivindicação à prova da verossimilhança dos dados sensoriais

¹⁴Cf. Lucr. IV 469 ff., e Burnyeat, M. ‘*The Upside-Down Back-to-front Sceptic of Lucretius IV 472*’ em *Philologus* 122, 1978.

apelando às leis da física.¹⁵ Ele sobrepujou a dificuldade mais óbvia do seu empreendimento, que as leis poderiam, em si, somente ser estabelecidas se a verossimilhança dos dados sensoriais fosse antes pressuposta pela demonstração de que o ceticismo é inerentemente uma posição insustentável, auto-refutadora e impossível de ser mantida na prática. Assim o *bona fides* do empreendimento de Epicuro estava garantido numa fundamentação aparentemente *a priori*.

O Estoicismo, inicialmente, estava menos familiarizado com o desafio cético, e correspondentemente menos ligado à justificativa da reivindicação da cognição sensorial. Isto fez com que este assunto aparecesse simplesmente como um simples dado do sistema. Para Zenão, era óbvio que num mundo providencialmente esboçado, a ferramenta básica para o conhecimento era provida pela vantagem humana, sem malícia para enganá-lo; e os Estóicos sempre diferiram dos Epicuristas por serem mais preocupados com a estrutura da auto-fundamentação do seu sistema do que com as derivações dos seus primeiros princípios. O ponto de mudança ocorreu com os ataques de Arcesilao, que começaram somente no fim da carreira de Zenão. Embora houvesse construído argumentos contra muitas doutrinas Estóicas, argumentos contra os critérios básicos de verdade, a ‘impressão cognitiva’ (*phantasia kataléptikê*), eram de fundamental importância. Estóicos mais jovens como Perseus e Esphaerus parecem, como resultado, ter demonstrado mais circunspeção quanto à necessidade da certeza cognitiva, e foi deixado a Crísipo o resgate da ‘impressão cognitiva’ com um elaborado conjunto de argumentos que colocavam firmemente este tópico no mapa, e abriam caminho para o renovado contra-ataque da Academia sob auspícios de Carnéades.

VI

Permanece a necessidade de retratar, em um esboço mais cru, a história da última filosofia helenista. A Stoa continuou a florescer. Sob Panetius, que se tornava seu chefe em 129 a.C., e de novo sob a tutela de seu pupilo Posidônio, que lançou sua própria escola em Rhodes (estes são os mais representativos nomes do período conhecido como Médio Estoicismo), seu trabalho sofreu certas mudanças de ênfase que, apesar de serem consideravelmente interessantes, não podem nos deter por causa da falta de suporte à epistemologia. Deve-se, contudo, mencionar que possuímos parte de um trabalho, *Dos signos*, do epicurista Philodemus do primeiro século a.C., no qual são

¹⁵ Cf. Plu. *Col.* para a denúncia do pupilo de Epicuro, Colotes, dos Cirenaicos e outros filósofos ceticamente inclinados.

reportados importantes debates entre alguns precursores distintos do Epicurismo, notavelmente Zenão de Sidon e Demétrio Lacon, e oponentes que parecem ser os Estóicos, sobre temas da metodologia empírica.

De maior relevância ainda é a história da Academia neste período. Carnéades, que não escreveu nada, foi sucedido, após um breve intervalo, por seu pupilo Clitômaco, um escritor prolífico que compilou um registro detalhado dos argumentos de Carnéades. Clitômaco nunca pretendeu que estes ardis dialéticos representassem a opinião pessoal de Carnéades; mas, enquanto isso, outros acadêmicos, como Metrodoro de Stratoniceia e Philo de Larissa, estavam começando a extrair doutrinas positivas deles e a reclamar a autoridade de Carnéades para fazê-lo. Sob a subsequente liderança de Philo, a conjunção freou o dogmatismo, embora a insistência Estóica de que a certeza pudesse ser alcançada continuasse a resistir.

Adotando uma fraca posição em cima do muro, Philo sucedeu alienando tanto os vãos dogmáticos quanto os céticos da sua escola. O resultado foram duas separadas suspeições. Em 87 a.C., seu discípulo Antíoco de Ascalon se enfureceu ao ler a defesa de Philo do seu próprio posicionamento epistemológico como tendo sido aquele de todos os filósofos Acadêmicos sob custódia de Platão, e era provável, nesta época, que ele tenha rompido para formar sua própria escola, a Velha Academia. Seu manifesto deveria restaurar a reclamada Academia cética de Arcesilao e que Philo abandonara, e que deteria a verdadeira filosofia de Platão. Mas, como porta-estandartes do ‘verdadeiro’ platonismo, ele invocou não somente o próprio Platão e seus antigos sucessores, mas até mesmo Aristóteles, Teofrasto, e os Estóicos. Ele, de fato, leu os filósofos antigos através de um ponto de vista tão “estoicizante” que seu próprio sistema parece, aos olhos modernos, muito mais estóico que platônico. Cícero, uma importante fonte para este período, bem como para a filosofia helenista anterior, foi além com Antíoco em questões éticas, mas permaneceu oficialmente um seguidor de Philo, a cuja epistemologia semi-cética ele consistentemente aderiu. Seu *Academica* é nossa primeira fonte do racha entre Philo e Antíoco.

Um outro cisma, muito menos documentado, foi o trabalho de Enesidemo. Ele também parece ter sido membro da Academia sob Philo, e ter abandonado ela em protesto por seu excessivo dogmatismo. Ele prosseguiu fundando uma nova, radical, escola de ceticismo, a escola Pirrônica. Uma linha de sucessão contínua foi construída para demonstrar sua descendência direta, via uma série de professores e discípulos, de Pirro. Este foi provavelmente elaborado para fundamentar seu pedigree intelectual pela insinuação da prioridade da sua própria ‘tradição’ sobre aquela da Academia cética (Pirro foi anterior a Arcesilao). Isto, conseqüentemente, tem pouco valor histórico como evidência para a sustentação de uma escola Pirrônica nos terceiro e segundo

séculos, e é melhor tomarmos Enesidemo como um inovador. Em seu trabalho, a refutação do Estoicismo e outras filosofias dogmáticas permanece como a principal reivindicação,¹⁶ mas ele também lança mão de uma sustentação da posição cética por vias positivas. Neste intuito, ele catalogou em tópicos, ou ‘modos’, todas as maneiras disponíveis de suspender o juízo. Ele também ajudou a desenvolver a base do ceticismo moral positivo, menos, ao que parece, pela teorização em seu próprio nome do que usando o estilo de vida de Pirro como exemplo prático. Aqui também a escolha de Pirro como ‘fundador’ prova ter suas vantagens.

Neste momento, a filosofia ‘helenista’ poderia, estritamente, terminar, mas é tradicional puxar seu rabo para uma perene história da escola Pirrônica até Sexto Empírico, no tardio século segundo d.C. A justificativa para tal é que Sexto é o único representante da escola de Enesidemo de quem os escritos sobreviveram em razoável quantidade. Como muitos dos precursores pirrônicos, ele era um físico praticante, e fez certo esforço para estabelecer uma consistência comum entre seus métodos médico e filosófico. Não há dúvidas de que o trabalho de Enesidemo ganha volume nos escritos de Sexto, contudo, a figura exemplar de Pirro estará desta vez bastante recuada; e Sexto extrai para seu trabalho entrevistas com membros da escola, especialmente Agripa, cujos cinco ‘modos’ completam os dez de Enesidemo através da classificação formal das principais configurações dos argumentos anti-dogmáticos. O *Adversus Mathematicos* de Sexto é a refutação sistêmica das principais escolas dogmáticas, enquanto seu outro trabalho sobrevivente, os *Esboços Pirrônicos*, incluem a completa declaração que possuímos dos objetivos e métodos pirrônicos.

¹⁶ Até mesmo seu alegado heraclitismo deve ser interpretado como uma manobra dialética anti-estóica; ver Burkhard.

David Sedley



Os Protagonistas

<i>Academia</i>	<i>Peripatos</i>	<i>Pirrônicos</i>	<i>Estóicos</i>	<i>Epicuristas</i>
<p>c. 347: Platão morre, é sucedido por Speusipo</p> <p>339: Speusipo morre, é sucedido por Xenócrates</p> <p>314: Xenócrates morre, é sucedido por Polemo</p> <p>c. 295: Arcesilao chega a Atenas</p>	<p>c. 322: Aristóteles morre, é sucedido por Teofrasto</p> <p>Arcesilao estuda com Teofrasto</p>	<p>c. 365: Pirro nasce</p> <p>c. 334-324: Pirro e Anaxarco no Oriente com Alexandre</p> <p>c. 325: Tímon nasce</p>	<p>c. 334: Zenão nasce</p> <p>c. 312: Zenão chega a Atenas, e nos anos seguintes estuda com Crates (Cínico), Estilpo, Polemo Diodoro Cronus</p>	<p>341: Epicuro nasce</p> <p>c. 328 estuda com Pamphilo</p> <p>c. 321 estuda com Nausiphanes</p> <p>c. 311-310: lança escolas em Mitilene e Lampsaco</p> <p>c. 307: funda o jardim em Atenas</p>



<i>Academia</i>	<i>Peripatos</i>	<i>Pirrônicos</i>	<i>Estóicos</i>	<i>Epicuristas</i>
<p>c. 276: Polemo morre, é sucedido por Crates</p> <p>c. 273: Crates morre, é sucedido por Arcesilao que institui o ceticismo</p> <p>c. 242: Arcesilao morre, é sucedido por Lacides</p> <p>c. 219 Carnéades nasce</p> <p>(?): Carnéades se torna líder da Academia</p> <p>155: Carnéades na Embaixada de Roma com o Peripatético Critolaus e o Estóico Diógenes</p>	<p>c. 287: Teofrasto morre, é sucedido por Strato</p> <p>c. 269: Strato morre é sucedido por Licon</p>	<p>c.270: Pirro morre</p> <p>c. 235 Tímon morre</p>	<p>Perseu, fl. c. 280-243</p> <p>Ariston de Chios fl. c. 270-250</p> <p>c. 262: Zenão morre, é sucedido por Cleantes</p> <p>c. 206: Crísipo more, é sucedido por Zenão de Tarso</p> <p>(?): Zenão morre, é sucedido por Diógenes da Babilônia</p> <p>c. 152: Diógenes morre, é sucedido por Antipater</p>	<p>Colotes fl. c. 310-260</p> <p>c. 271: Epicuro morre, é sucedido por Hermarcus</p> <p>Sphaerus, fl. c. 240-210</p>

Os Protagonistas

<i>Academia</i>	<i>Peripatos</i>	<i>Pirrônicos</i>	<i>Estóicos</i>	<i>Epicuristas</i>
<p>c. 137: Carnéades retira-se por motivo de doença</p> <p>129: Carnéades morre</p> <p>c.128: Clitômaco se torna líder da Academia</p> <p>c. 110: Clitômaco morre, é sucedido por Philo de Larissa</p> <p>c. 87: Antíoco rompe para fundar a Velha Academia</p> <p>79: Philo morre</p> <p>c.67: Antíoco morre</p> <p>45-4: maior parte dos trabalhos filosóficos de Cícero escrita</p>		<p>c. 90-80 (provavelmente) Enesidemo rompe com a Academia e revive o 'Pirronismo'</p> <p>Agrippa (1º séc. d.C. ?) Sexto Empírico, fl. c. d.C. 200</p>	<p>129: Antipater morre, é sucedido por Panétios</p> <p>109: Panétios morre</p>	<p>Zenão de Sidon, c.155-c. 75</p> <p>Posidônio, 135-51</p> <p>Demétrio Lacon mais jovem contemporâneo de Zenão</p> <p>Philodemo, fl. 80-45 a.C.</p> <p>c.55a.C.: Lucrécio escreve <i>De rerum natura</i></p>

